

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.ºs	Semestre — 18 n.ºs	Trim. — 9 n.ºs	N.º à entrega	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 149 11 DE FEVEREIRO 1883	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	8950	\$120		LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Posseções ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-5-	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.	
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-5-	-5-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-		



GUSTAVO DORÉ — Fallecido em 23 de Janeiro de 1883 (Segundo uma photographia de Nadar)

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabou-se o carnaval. Que o chorem aquelles que com elle se riram, se divertiram e se encharcaram.

Eu, enxuto e impassivel, tenho tantas lagrimas para a sua morte como gargalhadas tive para a sua vida.

Tive apenas conhecimento da sua passagem por Lisboa, pelos noticiarios dos jornaes, e pelas informações d'alguns amigos, que se aborreceram pelos bailes de mascaras.

Um d'esses amigos contristou-me singularmente com a sua narrativa.

E um excellente rapaz da provincia, ingenuo, de bom coração, que encontrei este verão na sua bella aldeia do Minho d'onde nunca arredará pé.

— Então você nunca foi a Lisboa?

— Nunca sahi d'aqui.

— Abracei-o entusiasmado e invejoso.

Aquelle rapaz, para ter todas as felicidades, até nunca tinha visto Lisboa, o Passeio Publico, o Chiado, a Camara dos Deputados, o Gremio Litterario... Ainda ha gente feliz no mundo!

No sabbado gordo bateram-me á porta.

Era elle.

— Então o que é isto?

— Venho vér Lisboa, e aproveitei para isso o carnaval.

— Ó desgraçado! jante commigo, mas depois pegue nas suas malas, metta-se no comboyo, e vá para a sua terra.

— Nada, isso é que não. Quero ver o carnaval de Lisboa.

— Pois sim, mas va-se já embora, que eu lhe mando a descripção minusiosa do carnaval, feita pelos jornaes...

— Quero ir aos bailes de mascaras... não sei o que isso é...

— Conserve essa santa ignorancia meu amigo. Vá para o comboyo.

— Nada, nada. Vim com esta tenção e não me vou embora senão passado o entrudo. E você é que hade ser o meu cicerone nos bailes de mascaras. Quero ir a S. Carlos, a D. Maria, Trindade, e ao Colyseu.

— Eu? Está completamente enganado. Ponho-me á sua disposição para tudo menos para isso. Olhe, estou prompto a ir mostrar-lhe o hospital de S. José, estou nas melhores relações com o dr. Thomaz de Carvalho, um homem que faz espirito com sciencia, e que faz sciencia com espirito; se quer podemos ir a Rilhafolles, sou amigo do dr. Marcellino Craveiro, um medico de doidos que parece ter reunido em si o espirito de todos que o perderam: se faz muito gosto posso levar-o ás camaras, conheço muitos homens politicos. Meu amigo, n'uma cidade pequena, a gente não tem o direito de ser muito escrupuloso na escolha das suas relações.

— Sim, sim, tudo isso depois: agora porem o que quero ver é o baile de mascaras, e você hade me acompanhar.

— É uma resolução inabalavel?

— É.

— Surda a todos os conselhos de amizade e da experiencia?

— Surdissima,

— Pois então eu comsigo é que não vou: mas tome lá os meus bilhetes para esses bailes e vá, vá que bem o merece.

Hontem quarta feira de cinzas o meu amigo appareceu-me todo contristado.

— Então o que é isso? O que tem?

— Estou assombrado com os estranhos mysterios da vida de Lisboa.

— Com os mysterios de Lisboa!

— Sim. Se você soubesse o que eu soube nos bailes de mascaras?

— Então o que soube você?

— Olhe. No baile de D. Maria fui tomar meio gróg com um dominó de setim. Pobre rapariga! contou-me logo ali mesmo, no botequim, toda a sua historia.

É filha d'uma familia muito nobre, illustre e d'alta posição na sociedade de Lisboa. Foi seduzida por um homem muito respeitavel, que lhe prometteu casamento e depois a abandonou com um filhinho... Pobre rapariga.

— Ah! então são esses os mysterios?

— Espere ahí. N'esse mesmo baile, comi meio beef com uma camponessa.

...Pobre rapariga! essa contou tambem a sua historia!

É filha d'um figurão, que toda a gente conhece — mas coitada, não me quiz dizer o nome d'elle!... foi enganada por um homem d'alta posição, que a deixou depois de lhe ter prometido casamento.

— Ah!

— Em S. Carlos tomei chá e torradas, com um pagem... Coitadinha! I tambem me contou tudo!...

Em parte nenhuma se encontra mais franqueza que nos bailes de mascaras. Essa, a pobrosita, é filha d'um militar muito nobre, que occupa um alto cargo... não me quiz dizer o nome... Fez-lhe a corte um fidalgo muito conhecido prometteu-lhe casamento e depois...

— Abandonou-a, bem sei.

— Ah! já sabia?... No colyseu estive com uma ramelheteira... É filha

— D'uma familia muito distincta...

— Ah! conhece-a...

— Perfeitamente.

— Um personagem...

— Muito conhecido.

— Exactamente. Começou a namoral-a...

— Pédiu-a em casamento.

— Isso, isso. Depois...

— Abandonou-a... Pobre rapariga!

— Pobre rapariga!... repetiu elle comsigo melancolicamente. Tudo isto me incommodou muito, entristeceu-me, e quando cheguei ao hotel e comeci a pensar nos mysterios tristissimos da vida de Lisboa, até chorei, palavra d'honra!

Afóra esta nota sentimental dos bailes de mascaras d'este anno, encontrada pelo meu amigo da provincia, os bailes não estiveram nem mais tristes nem mais alegres que nos outros annos... foram os mesmos, eternamente os mesmos como eternamente a mesma é a lenda dos dominós que bebem meios grogs, e das pastoras que dançam cancans.

Na rua o carnaval foi mais animado que nos outros annos, principalmente na terça feira gorda. Os jornaes contam que appareceram mascaradas interessantes, entre ellas a da despedida de Sarah Bernhardt.

Eu tenho que curar por informações porque em mascaras só vi uma que teve a delicada amabilidade de passar por defronte da minha janella, para me fazer lembrar de que era entrudo, um velho de cabelleira de estopa, luneta de papelão, cadeia de relógio de restia d'alhos, um facalhão e todos os mais emblemas symbolicos do estylo, e um velho d'entrudo, que eu vejo ha vinte annos em terça feira gorda, e que, pela semsaboria unica tenho todas as razões para acreditar que é sempre o mesmo.

O entrudo resumiu-se para mim n'esse velho, que eu vejo sempre com a alegria com que se avista um antigo conhecido, uma recordação d'infancia.

O velho passou, passou o carnaval, e como d'elle só lihes poderia repetir o que dizem os noticiarios lisboetas, trocarei pelo silencio que é de ouro, a palavra que nem sequer seria de estanho.

— O carnaval deu ferias á politica portugueza e ferias ao crime; e aos acontecimentos mais ou menos deploraveis, cuja falta um chronista zeloso deplora sempre.

Nas ruas e nos bailes publicos houve simplesmente umas pequenas desordens, sem importancia, para justificar a existencia do corpo de policia civil.

Os factos importantes julgo que se parecem commigo em não gostar do carnaval: Desde que o entrudo appareceu em Lisboa — agradeçam-me a amabilidade cavalheirosa com que eu os poupo aqui, n'este momento delicioso, a umas bellas linhas de estylo brilhante — desde que o carnaval agitou os guisos ruidosos da sua tunica de pierrot etc. etc. — os factos importantes ausentaram-se da capital.

Esperemos que elles venham com a quaresma, que começa já a escabecear o seu latim pelas igrejas de Lisboa.

— De França ha noticias importantes, que tem levantado no mundo politico grandes e violentas discussões. A prisão do principe Napoleão, e a approvação da lei do exilio dos principes — pela camara dos deputados.

O OCCIDENTE, porém, occupa-se hoje mesmo, largamente, d'esse importante assumpto, n'outro lugar.

Veio-nos tambem de França uma noticia d'outro genero, uma noticia triste para todos que se alegraram durante muitos annos no theatro de S. Carlos, com essa deliciosa opera, que foi uma das mais brilhantes corôas da Volpini — a *Martha*, a noticia da morte de Flotow.

A *Martha* foi uma das operas que mais nos impressionou na nossa adolescencia, quando Volpini era a Lady Henriqueta, e cantava aquella admiravel romanca da Rosa, que é tudo o que ha de mais encantador, de mais suave; de mais singelo no mundo da melodia.

Foi essa a opera que tornou celebre Flotow; e o seu successo foi tão grande, que deixou no

escuro todas as outras suas obras, entre as quaes ha algumas de notavel merecimento, como por exemplo a *Sombra*, a ultima opera sua que se representou em Paris.

Alberto Wolff fez ha annos uma pequena photographia do illustre maestro Viennense.

«Flotow é o que se chama vulgarmente um bello homem... alto de estatura... hombros largos... cara regular... bigodes negros retorcidos... olhos intelligentes... um habito multicolor. Quando se via pela primeira vez Flotow, tomava-se logo por um coronel de couraceiros.»

A vida artistica do author da *Martha* teve um começo original, porque, apesar de não ser aureolada por essa triste aureola de pobreza, que ordinariamente illumina com seus tons poeticos os primeiros periodos da biographia de todos os artistas, porque o pae de Flotow era um militar rico, lá foi cahir n'essa lenda eterna da miseria e do talento.

Practico como allemão, e impaciente como um soldado, o velho pae Flotow, depois de mandar seu filho estudar musica para Paris, não esteve pelos ajustes de representar o ridiculo papel de pae provinciano, enganado pelo filho que faz o seu bacharelato nas cervejarias do *quartier latin*, com as *filles de brasserie* que substituiram na historia parisiense d'hoje as legendarias *grisettes* de Paulo de Kock.

Um bello dia, o velho Flotow apresentou-se com seu filho, um rapazote de 18 annos, em casa de Saint Georges, o celebre libretista.

— Diga-me cá uma coisa. Este pequeno quer ser um musico celebre. Póde-se arranjar isso?

Saint Georges fel-o tocar piano, ouviu algumas composições do aspirante á celebridade, e respondeu alegremente:

— Póde, sim senhor.

— Quanto tempo será preciso para elle mostrar que tem talento?

— Cinco ou seis annos.

— Cinco annos? Está dito. Durante cinco annos dou-lhe dinheiro, mas findo o praso, nem mais um dia; se elle não se tiver feito conhecido, retiro-lhe a pensão.

E foi-se para Vienna.

Ao cabo de cinco annos, o futuro auctor da *Martha*, recebeu uma carta do auctor dos seus dias, em que lhe participava redondamente e sem appellação, que voltasse para Vienna, e que lhe retirava a mesada em Paris.

Flotow leva logo a carta a Saint Georges.

— O que hei de fazer?

— Ficar.

— Sem dinheiro?

— Ganhe-o.

— Como?

— Dê lições de piano, como os musicos pobres.

Flotow seguiu o conselho e começou a sua odyssea da pobreza.

Finalmente, d'ali a tempos, fez representar no palacio do marquez de Bellesen, a sua primeira opera — *Rob-Roy*, um acto cantado por amadores illustres.

Annos depois, apresentou no theatro da Renascença, a sua primeira opera em tres actos — *O duque de Guise*, que teve brilhante exito, e finalmente, depois de outros successos menos ruidosos, a *Martha* appareceu no theatro imperial de Vienna, consagrando Flotow maestro, com um grande e entusiastico successo, e d'ahi correu todo o mundo lyrico, inscrevendo o nome de Flotow entre os dos compositores mais festejados e brilhantes dos nossos tempos.

O character de Flotow parecia-se com a sua musica: muita jovialidade e muito sentimento. Wolf conta d'elle uma pequena anedocta, que desenha completamente o homem.

Poucos dias depois da 1.^a representação da *Martha* em Paris, Flotow despediu-se de Wolff, voltava a Vienna.

— Deixa-nos já?

— Deixo, quero passar o Natal em minha casa.

— Demore-se mais alguns dias. Vá visitar os criticos... trate da sua gloria.

O maestro viennense, tira uma carteira do bolso, mostra a Wolff os retratos de sua mulher e de seus dois filhos e diz-lhe.

— Olhe, meu amigo, aqui tem o que está acima da gloria!

Foi esse excellento homem, e esse excellento artista, que baixou agora á cova, no seu paiz.

— Pomettemos na nossa ultima chronica dar hoje noticia de tres livros novos e notaveis, que appareceram ultimamente no mercado litterario portuguez.

A falta de tempo e de espaço obriga-nos a addiar o cumprimento da nossa promessa.

Gervasio Lobato.

O PRINCEPE NAPOLEÃO E SEU FILHO VÍCTOR NAPOLEÃO

Adquiriu de subito grande notoriedade e importância o príncipe Napoleão, filho do rei Jeronymo, homem de incontestável merecimento, mas que nunca até aqui lograra desempenhar um papel de primeira ordem, fosse em que fosse. Duas notas biographicas auxiliarão o leitor a formar uma idéa clara e nítida do character d'este príncipe irrequeto, e da suprema tolice que o governo da republica franceza acaba de commetter, engaiolando o famoso príncipe e fazendo d'essa captura o ponto de partida para essa lei panica, que o Senado vae ter provavelmente o bom senso de regeitar.

Jeronymo Napoleão, filho do rei Jeronymo de Westphalia, tem hoje sessenta annos. Nasceu em Trieste em 1822, e só em 1845 foi a Paris, com licença do governo de Luiz Filipe, e usando do pseudonymo de conde de Montfort. Em 1848 foi mandado á camara pelos cleitores da Corsega, e em 1849 foi nomeado ministro plenipotenciario em Madrid, lugar de que o demittiram, porque abandonára sem licença o seu posto. Em 1853 foi declarado príncipe do Imperio, e recebeu o posto de general de divisão. Na Criméa commandou a divisão de reserva, mas uma doença singular, que o atacava em campanha, obrigou-o a retirar para França, e deu origem a essa famosa alcunha do *Plon-Plon*, com que de toda a parte o assestaram. Em 1859 ainda commandou outra divisão na guerra da Italia, mas andou sempre manobrando no terreno da diplomacia, occupando Florença sem dar um tiro, e ouvindo fallar vagamente nas carnificinas de Magenta e de Solferino. Casára n'esse mesmo anno com a princeza Clotilde, irmã da rainha a senhora D. Maria Pia. Em 1861 teve a culpa gravissima, aos olhos dos francezes, de não se querer bater com o duque d'Aumale, que o desafiára por elle ter atacado vivamente a familia Orleans. Foi algum tempo ministro de seu primo, mas andou quasi sempre a fazer opposição.

Em 1870 Napoleão III encarregou-o de obter a alliança da Italia, o que não conseguiu, e depois da queda do Imperio, continuou a fazer politica á parte, sem conseguir nunca reunir no seio dos bonapartistas um partido importante, nem quando, depois da morte de seu sobrinho na Zululandia, parecia dever ficar sem competidores a sua candidatura ao throno.

O ideal do príncipe Napoleão foi sempre o de o considerarem um homem perigoso. Não o conseguiu nunca senão agora. Quando retirou um pouco precipitadamente da guerra da Criméa, escreveu um folheto em que censurava os actos do conselho de guerra que dirigira as operações, e esperou, com uma das mãos no peito e a outra atrás das costas, na attitude consagrada de seu tio o grande imperador, com quem dizem que se parecia muito, esperou resignado o martyrio. Chamaram-lhe *Plon-Plon* e acabou-se.

Durante o imperio, o príncipe Napoleão tomava a cada instante attitudes revoltadas, fazia discursos agri-doces—e dizem que fallava bem, e depois apresentava-se nas Tulherias, de mão direita no peito, a outra atrás das costas, e esperando sempre que um ajudante de campo do imperador se chegasse a elle e lhe dissesse: Príncipe, a sua espada! Nunca ninguem lhe pediu semelhante cousa. O imperador recebia-o, pregava-lhe uma descompostura de bota a baixo, e mandava-o embora. A' mesa nos jantares de etiqueta fazia pirraças á sua imperial prima, esperando sempre escandalo. Nunca. Provavelmente o que apanhava era o seu ponta pé por baixo da mesa, se as pernas curtas de Napoleão III estavam ao alcance dos joelhos do primo. Conta Prosper Mérimée, nas suas interessantes *Cartas a Paniçzi*, que uma vez o príncipe Napoleão não quiz beber á saude da imperatriz, nem por quanto havia. «Faça uma saude á imperatriz, primo, dizia-lhe o imperador, vermelho de colera, e fazendo esforços extraordinarios para lhe chegar com o bico da bota. O príncipe, sempre resignado fazia ouvidos de mercador. Fazia ouvidos de mercador, e dizia comsigo: «Chegou o instante fatal. Espera-me alguma humida masmorra no Monte-Valeriano.» Afinal o imperador desatou a rir, a imperatriz tambem, e não houve novidade. Só o príncipe Napoleão é que perdeu no negocio um calix de Champagne.

Em 1865 o príncipe Napoleão julgou ter encontrado enfim a ambicionada importancia. Assistindo na Corsega á inauguração de uma estatua do grande imperador, fez um discurso espiro-canivetes. O primo zangou-se e pespegou-lhe uma reprimenda de primeira ordem. Então o príncipe, cheio de dignidade, resignou todas as funcções gratuitas que exercia: presidente da commissão da exposição e vice-presidente do con-

selho privado. O imperador accitou, e não pensou mais n'isso. A primeira vez que precisou de seu primo, mandou-o chamar e o primo foi.

Depois da queda do imperio e depois da morte de Napoleão III, o príncipe Napoleão tem-se virado e revirado de todos os modos possiveis para fazer barulho e adquirir importancia. Separou-se da familia e botou programma á parte, o *Figaro* analysou-lh'o em gazeilha, pela penna sarcastica de Albert Millaud, adoptando o estribilho da canção dos *Gendarmes*:

Jérôme vous avez raison.

Depois da morte de seu sobrinho, quiz apresentar-se como aspirante á corôa, mas a grande maioria dos bonapartistas declarou que o príncipe Victor sempre seria candidato mais accetavel. Zangou-se, deixaram-n'o zangar, fez *meetings*, a policia republicana deixou-lh'os fazer. Afinal, quando menos o esperava, atira um manifesto á França para satisfazer essa furia de escrevinhar que o atormenta no mais alto grau, e a republica aterra-se, prende-o, e declara a patria em perigo, e mette na Conciergerie o príncipe Napoleão, que afinal consegue metter a mão direita no peito, pondo a outra atrás das costas, sem perder a attitude, e que se rodeia de advogados, dando-se ares, e que se reconcilia no infortunio—no infortunio, que bom!—com a imperatriz, que vem de Inglaterra visital-o, e que não consegue transpôr as grades da prisão! E o príncipe entusiasmado, radiante, dicta protestos, entrega o seu caso, á vindicta da posteridade, pede com amarga ironia Santa-Helena e Hudson Lowe, exclama tristemente: Pobre França! lamenta, com aspecto nobre, ter arrastado no seu infortunio os principes de Orléans, declara que os respeita, apezar das suas antigas dissidencias com «esse pobre Aumale,» faz reflexões, solta phrases profundas, dirige-se aos carcereiros com toda a nobreza das magestades cahidas, está nas suas sete quintas o maganão! Chamem-lhe *Plon-Plon* agora, andem, insultem a desgraça, cuspem os seus sarcasmos ignobéis á face do captivo da republica, tripudiem sobre esse nobre infortunio de um homem que vem expiar na humida masmorra—hum! hum!—tossinha aqui faz effeito—expiar o crime de se chamar Napoleão, e de ter querido dizer a verdade ao seu paiz!

Apanhou tudo isto á ultima hora, apanhou aos sessenta annos o que debalde procurára em toda a sua vida.

Et j'avais soixante ans quand cela m'arriva!

Seu filho, Victor Napoleão, que hoje conta vinte annos, porque nasceu a 18 de julho de 1862, é official do regimento 32 de artilharia, de guarnição em Orléans. Passa por ser um moço instruido, intelligente e desembaraçado.

O governo da republica, procedendo com o mesmo tacto finissimo que até agora tem manifestado, só tarde consentiu que o coronel do 32 de artilharia concedesse um dia de licença ao príncipe Victor para ir vêr seu pai.

O que elle fez com os Orléans todos o sabem. É verdade que ao mesmo tempo o conde de Chambord, escrevendo a um seu amigo politico, dizia-lhe que o enterro de Gambetta «fôra uma cerimonia pagã, humilhante para um soldado, e irritante para um christão!» Ha muito tempo que o conde de Chambord, e o governo da republica franceza, andam ao desahio a vêr quem ha-de fazer mais asneiras. D'esta vez, porém, parece-me que é o governo republicano quem vence.

Pinheiro Chagas.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

AO SEU AMIGO

DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

2.^a Carta

No dia 29 de novembro ultimo teve logar no salão de honra do *Imperial Lyceo de Artes e Officios* da cidade do rio de Janeiro, a sessão solemne promovida pela Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa, no Brazil, em homenagem a mim.

Sua Magestade Imperial chegou ao Lyceo ás

7 horas da tarde, e, sendo recebido pela direcção da sociedade com as honras devidas á sua elevada cathogoria, occupou o logar da presidencia.

Em seguida o sr. dr. Ladislao Netto leu o discurso da abertura da sessão, seguindo-se-lhe o sr. dr. José Avelino Gurgel do Amaral, que proferiu um discurso sobre a historia das conquistas dos portuguezes, terminando por me saudar e desejar feliz exito na minha exploração da America do Sul.

Depois de obtida licença de Sua Magestade Imperial, o sr. dr. Ladislao Netto deu-me a palavra, de que fiz uso, começando por dizer:

«Senhor:—Agradeço, como me cumpre a Vossa Magestade Imperial, que com tanta bondade se dignou receber-me quando tive a honra de chegar a este imperio, a augusta presença de Vossa Magestade Imperial n'esta solemni-dade.»

«Agradeço igualmente a ss. ex.^{as}, os sr. dr. Lodislao Netto e dr. José Avelino as delicadas e não merecidas expressões que acabam de me dirigir; e peço a Sua Magestade Imperial, aos nobres oradores, e á illustre assembléa que se dignem acolher o tributo do meu reconhecimento e o testemunho da minha lealdade pelas generosas attentões com que se dignaram honrar-me.»

«Minhas senhoras e meus senhores. Vim ao Brazil para matar ocios como tenho por costume; isto é, para me distrahir estudando tudo que houver de grandioso e nobre no Imperio brasileiro, como fiz na India, onde durante nove annos que ali demorei, colhi os materiaes do livro que aqui tenho, e do qual—se me fôr permitido—passarei a expôr alguns dos assumptos de que trata, comparando-os com aquelles que por ventura terei de estudar n'este imperio, que apenas conheço theoreticamente.»

Depois de fallar perto de uma hora sobre a minha viagem á India, expuz o itinerario que tenciono seguir do Rio de Janeiro ao Amazonas, d'este ao Pacifico, e de lá pelos Andes ou Plata e sul do Brazil; prometendo quando voltasse á capital do imperio, fazer uma conferencia sobre o que por lá visse e estudasse.

Em seguida terminei a minha palestra, renovando a Sua Magestade Imperial e á illustre assembléa os meus agradecimentos e protestos de gratidão os mais cordeaes.

Como o meu plano de estudos no Brazil terá por base os seguintes pontos; 1.^o Desenvolvimento de agricultura progressiva; 2.^o Ordenamento das plantas virgens; 3.^o Colonisação e cruzamento da raça aryanica com a raça aborigena, tenho procurado colher todos os dados de que careço para poder um dia apresentar dignamente o resultado de meus estudos.

Para conseguir este fim, e, emquanto o tempo não for propicio para encetar minha exploração atravez do Amazonas e seus afluentes, continuarei minhas excursões aos centros agricolas, visitando primeiro Cantagallo, d'onde lhe escrevo hoje.

Parti da côrte ás 6 ³/₄ horas da manhã do dia 5 do corrente, em companhia do meu presado amigo, o illustrado dr. Antonio Zeferino Candido, dignissimo director do collegio de S. Pedro d'Alcantara no Rio de Janeiro, onde reside haverá uns dez annos. As 5 horas da tarde do mesmo dia eramos esperados e generosamente recebidos na gare do *bond* (americano) de Cantagallo pelo sr. dr. Modesto Alves Pereira de Mello, que nos conduziu a sua casa, onde nos hospedámos.

A cidade de Cantagallo, de cuja parte central lhe envio o desenho que tirei, está situada a 22.^o de latitude sul e 1.^o de longitude do meridiano do Rio de Janeiro, n'um estreito e profundo valle, 242 metros acima de nivel do mar. Tem cerca de 1 kilometro de extensão sobre 150 metros de largura média, com 600 fogos e 2:000 habitantes. As ruas são largas, alinhadas e calçadas de granito. Possui uma elegante e espaçosa igreja matriz; uma bonita casa de municipalidade proxima da gare dos *bonds*; tres chafrrizes de agua potavel; um hospital, um cemiterio com diversos mausoleos de marmore; uma bibliotheca, dois templos massonicos, um jardim publico, e um theatro. Tem duas typographias onde se publicam dois jornaes: um semanal e outro bisemanal, com os titulos de *Correio de Cantagallo* e de *Voto Livre*.

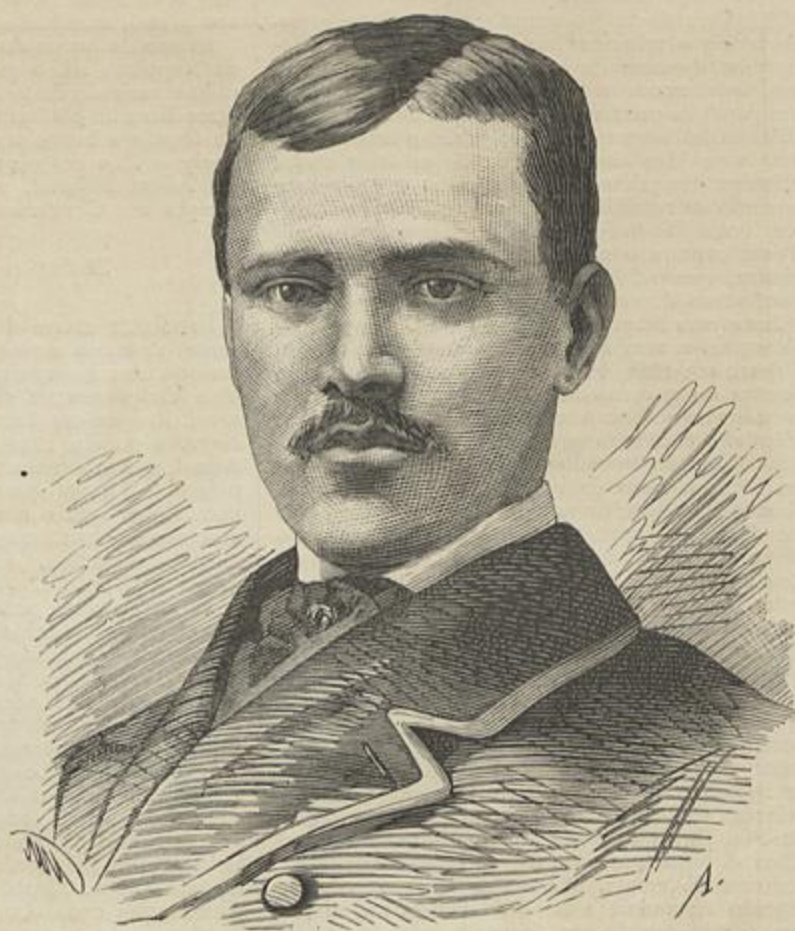
Disto, approximadamente 33 leguas da capital do imperio, a que está ligada por uma estrada de ferro, que de Nitheroy conduz a Cordeiros, e d'esta por uma linha de *bonds*, cuja distancia é percorrida em ³/₄ de hora.

(Continúa)

A. Lopes Mendes.



O PRINCIPE JERONYMO NAPOLEÃO



O PRINCIPE VICTOR NAPOLEÃO

SEGUNDO SALÃO DE QUADROS

I

É do mesmo grupo de valentes artistas, que o anno passado mostraram ao publico surprezo um bello salão de quadros na sociedade de geographia, a exposição que agora tem estado aberta, n'um primeiro andar da rua de S. Francisco, e onde o publico affluu ainda em maior numero, e com maior entusiasmo compenetrado, provando bem que estes pittorescos e luminosos concursos d'arte são sobretudo precisos para lentamente o irem educando, dando-lhe generosamente o conhecimento capitoso do bom gosto, que elle tem sempre latente, e que, quando irrompe admirativo e convicto perante uma obra perfeita, é para o artista a compensação suprema e embriagante. A exposição fechou já, e o resultado positivo e sólido das vendas deve alegrar justamente os promotores d'ella; de facto, nunca entre nós se viu uma exposição de quadros ter este exito extraordinario, de vender promptamente a varios amadores duas terças partes de perto de noventa télas apresentadas, tudo simplesmente por espontaneidade particular, e sem nenhuma d'aquellas artimanhas gulosas das antigas rifas officiaes mais ou menos habilmente disfarçadas.

Não disponho d'espaco para me alongar gravemente em largas considerações ponderosas e sábias, e com certas profundidades criticas, ácerca dos effeitos provaveis d'estas manifestações artisticas; o que sei, e o que toda a gente sensatamente vê e reconhece, é que este decidido grupo de rapazes, do qual tanto fallei já o anno passado como chronista enthusias-



DR. JOSÉ VICENTE BARBOSA DU BOCAGE, MINISTRO DA MARINHA E ULTRAMAR

(Segundo uma photographia de Camacho)

mado da sua feliz apparição, representa sem duvida a parte viva e sábia da arte portugueza, notoriamente da pintura. Não pretendo certamente esmagar sob esta affirmativa absoluta, algumas actividades isoladas e cheias de verdadeiro talento, que eu conheço e sinceramente considero; mas a saliente prova de que no grupo ha a vida forte, impetuosa e irresistivel, está no facto quasi incrível de ao seu influxo creador até a decrepita e doente Sociedade Promotora querer já levantar-se um pouco do seu leito d'esterilidade, onde se tem mirrado miseramente, e andar planejando uma proxima exposição. Assim, vê-se que o grupo tem forças maravilhosas e divinas, operando milagrosamente a subita resurreição d'aquelle curioso Lazaro!

Em todo o caso, já se falla seriamente d'arte, o publico vai-se interessando, as exposições são visitadas, os quadros vendem-se, e ha um movimento consciente e animado, que mesmo ha tres annos apenas ninguém observaria; isto é o essencial, a atmospheria generosa e protectora em que ricamente se deve desenvolver a planta luxuriosa da arte, ainda embryonaria; e este grande impulso, brusco mas proficuo e vigoroso, é especialmente devido, concluo, ao grupo corajoso e trabalhador de que me occupo. É util insistir bem n'este ponto, porque muitas vezes não são positivamente os iniciadores d'um movimento remoçador e vital os que lhe colhem a gloria, no meio dos odios e despeitos pululantes, que mais tarde veem a enredar tudo tumultuariamente.

Quando appareceu este grupo, apregoei insistentemente que a sua como que eclosão conso-

SEGUNDO SALÃO DE QUADROS



[N.º 1, MOLHO DE PINHO (C. MARTINS)—2, NA ARRIBANA (S. PORTO)—3, EM NOVEMBRO (J. VAZ)—4, SANTO AMARO, CORROIOS (H. PINTO)
5, A PARREIRA (MALHÔA)—6, A HORA DA REFEIÇÃO (GYRÃO)—7, ALGÉS (CHRISTINO DA SILVA)]

ladora era palpavelmente resultante da influencia energica e larga do talento de Silva Porto, revelador de modernos processos e de arte nova; agrada-me immenso tambem que agora toda a nossa pequena critica vá reconhecendo essa poderosa influencia indiscutivel, mas não gosto de que alguém, ao mesmo tempo com ares de sagacidade rebarbativa, me calque tão de perto as passadas. Houve criticos que retirados de ha muito, sizudamente para os altos montes vertiginosos da celebridade — e de varios empregos, desceram agora até esta exposição; e terrivelmente perspicuos, sanguinarios e magros como lobos, entraram vorazmente n'aquelle redil bem farto com o acinte comprehensivel d'abocanhar a rez mais gorda. Com effeito, as impiedosas feras agarraram-se tenazmente ao meu pobre Silva Porto, e por entre uivos ferozes quizeram mostrar-o n'um caminho lamentavel de decadencia; mas essa desenfreada berraria não pôde mais do que provocar vivamente um faisante riso a alguns bandidos descrentes e bem humorados, que tem a intima e justa convicção de que a observação mais rude e rudimentar é forçada a ver que as numerosas telas este anno apresentadas pelo primoroso paysagista, constituem seguramente uma das suas exposições mais variadas e brilhantes, apesar d'uma importuna doença que a não deixou ser ainda mais interessante e vasta. Diz-se d'um trabalhador que é decadente quando elle se manifesta opulentamente sob aspectos novos, e mesmo inesperados! Insinuam-se malevolamente desfallecimentos deploraveis em Silva Porto, quando elle por entre uma obra enorme de paysagista, onde a cor então maravilhosamente todo um concerto harmonioso e triumphante, apresenta ainda a sua estreia magistral como animalista, o soberbo quadro *Na arribana*, o melhor da nova exposição! Por mim, acho bom, e original, e honesto.

De resto, devo notar que pelo evidente progresso revelado n'este segundo salão por todos os artistas que formam o sympathico grupo, vê-se claramente como entre nós as bellas artes podiam já ir n'uma alegre florescencia, se os personagens officialmente encarregados de velar por ellas, tivessem intelligentemente tratado ha muito tempo de promover exposições annuaes. Mas eu creio que essas respeitaveis gentes nunca se lembraram de similhante cousa trabalhosa e não muito espectacular, e ninguem ingenuamente se admira d'isso, quando sabe que até o esteril ensino academico chegou ao estado comicamente hyperbolico de se exercer — sem discipulos.

Agora, vou tratar do quadro de cada um dos artistas expositores, que o OCCIDENTE escolheu para hoje reproduzir em gravura; e se ao mesmo tempo puder relancear um golpe de vista passageiro sobre outros quadros notaveis, tanto melhor.

Monteiro Ramalho.

AS NOSSAS GRAVURAS

GUSTAVO DORÉ

A *Chronica* do OCCIDENTE occupou-se já largamente do celebre artista que a França acaba de perder, e por isso a nossa missão hoje limita-se simplesmente a um rapido apontamento biographico.

Paulo Gustavo Doré, nasceu em Strasburgo em janeiro de 1832. Morreu portanto com 51 annos apenas de idade, na força da vida ainda, quando a arte tinha a esperar d'elle grandes e numerosas obras primas.

Se cedo porém morreu para a arte, cedo tambem nasceu para ella, e as suas primeiras tentativas foram logo triumphos, os seus primeiros trabalhos foram logo o principio da sua gloria.

Em 1845 Gustavo Doré veio de Strasburgo a Paris fazer os seus estudos. Cursou o lyceu Charlemagne e em 1848 começou a trabalhar no *Journal pour rire* juntamente com Bertall.

Os seus primeiros desenhos alcançaram logo grande successo, e dentro em pouco Gustavo Doré foi o illustrador da moda.

As illustrações esplendidas da *Divina comedia*, da *Biblia*, do *Rabelais*, do *Judeu errante*, dos *Contos drolatiqués*, dos *Contos de Perrault*, dos *Essais de Montaigne da Voyage aux Pyrénées*, de Taine, de *D. Quichote*, de *La Fontaine*, tiveram um successo colossal e ficarão eternamente na historia da arte moderna, como verdadeiros monumentos de illustração.

Depois de ser um desenhador glorioso, o primeiro do seculo, Gustavo Doré sonhou com as glorias de Pintor. Ahi a sorte faliu-lhe, o successo não lhe sorriu, e todos os seus esforços herculeos, os seus trabalhos titanicos não con-

seguiram chamar, para o melhor dos seus quadros: o exito que acolhera a sua peor illustração.

Ha poucos annos Gustavo Doré perdeu a companheira adorada da sua mocidade, sua velha mãe, aquella creatura que era para elle uma idolatria.

D'esse dia lugubre em diante o alegre artista glorioso transformou-se no taciturno trabalhador de atelier. A gloria nunca mais lhe sorriu, e desanimado pelas luctas dilacerantes de todos os dias, Gustavo Doré succumbiu finalmente aos estragos fataes d'uma angine *pectoris*.

Em torno do tumulo do grande artista, o jornalismo parisiense bordou varias lendas, mais ou menos verosimeis, e ainda hoje nos chegou ás mãos um jornal, em que Gustavo Doré apparece como um romantico namorado, morto de paixão por uma escossesa, que o precedeu na cova.

Gustavo Doré fôra condecorado com a Legião de Honra em 15 de agosto de 1861.

DR. JOSÉ VIGENTE BARBOSA DU BOCAGE

Mínistro da Marinha e Ultramar

O novo ministro dos negocios da marinha e ultramar tem um nome muito considerado nas letras e nas sciencias.

O nome de Bocage é popular em Portugal, porque representa um dos talentos poeticos mais brilhantes que esta terra tem creado, e a quem faltou só outro tempo e outro meio para ser um dos maiores engenheiros que o mundo celebrasse.

O dr. José Vicente Barbosa du Bocage é primo segundo do grande poeta. Nasceu na ilha da Madeira a 2 de maio de 1823, sendo portanto mais um insulano que pelo seu merito ascende aos conselhos da coroa.

Frequentou a Universidade de Coimbra, onde se formou na faculdade de philosophia.

Pouco tempo depois era nomeado, precedendo concurso, a lente substituto na escola polytechnica de Lisboa, sendo em breve chamado á effectividade da cadeira pelo falecimento do respectivo proprietario o dr. Assis.

Tem cultivado a sciencia a que se dedicou com amor, e hoje o seu nome é conhecido em Portugal e no estrangeiro.

Numerosos trabalhos, já nas memorias da Academia das Sciencias, já em publicações separadas attestam a sua actividade scientifica.

Por esse elevado merito a *sociedade de geographia* de Lisboa o tem eleito sempre por seu presidente, esperando-se da sua capacidade largo desenvolvimento ás nossas colonias.

JOÃO BAPTISTA SCHIAPPA D'AZEVEDO

VI

Em virtude da organisação da engenharia civil foi João Schiappa nomeado engenheiro chefe de 2.ª classe em 12 de outubro de 1864.

A sua nomeação para inspector de minas do districto do Porto, a que atraz nos referimos é de agosto de 1857, — e em 1858 foi nomeado interinamente para o mesmo cargo nas tres provincias do Norte.

Em 21 de outubro de 1859 foi nomeado inspector do 1.º districto mineiro, sendo transferido para o 2.º districto em 7 de outubro de 1864 e de novo transferido para o 1.º districto em 4 de julho de 1866.

Em 13 de outubro de 1866 foi nomeado vogal da Comissão encarregada do estudo e analyse das aguas thermaes do paiz, á qual de certo prestaria o concurso dos seus vastos conhecimentos e pericia.

Tendo fallecido o engenheiro Leitão, intelligente chefe da repartição de minas, foi João Schiappa em 20 de julho de 1870, nomeado para o referido logar interinamente; achava-se n'este tempo addido á 1.ª divisão de obras publicas desde 12 de Fevereiro de 1869, segundo a organisação d'essa epoca.

N'este cargo, que occupou dignissimamente durante perto de onze annos, são muitos e importantes os serviços prestados por elle ao paiz, sendo certo que não ha uma só pessoa que possa queixar-se de alguma injusta decisão sua, embora não estivessem de accordo sempre com o seu modo de ver as coisas.

O desejo de abreviar este artigo não nos permite ir esmiunçar tudo o que n'esta repartição se deve á intelligencia, boa vontade e zello do nosso malgrado amigo.

Projectara-se por este tempo a exposição Universal de Vienna d'Austria, e a 7 de Fevereiro de 1872 era João Schiappa, nomeado Vogal da Comissão preparatoria d'essa exposição, em que se houve com a maior circumspecção e actividade, como o demandava a urgencia do assumpto.

Em 1873 julgou-se conveniente addicionar, aos estudos professados no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, um curso auxiliar da 6.ª cadeira para a habilitação de conductores de minas. Esse curso tinha por disciplinas a geologia applicada, e João Schiappa foi a 28 de outubro d'esse anno nomeado para o reger.

O Instituto viu desde então mais uma grande illustração no seu seio. — Quantos assistiram ás lições do notavel professor, tiveram occasião de admirar a sua profunda e vasta sciencia, que se não repetia de uns annos para os outros, mas que se alargava, locupletava e transformava á medida que novos trabalhos vinham trazer-lhe contribuições novas; não havia livro que elle não visse, estando sempre em dia com o que produziam os estudos dos grandes homens, que não levantam mão do trabalho.

O seu estudo não se limitava sómente a assimilar para si, porque fomos testemunha das noites e dias feriados que passava, á banca, a traduzir uma importantissima obra do celebre geologo allemão Rosenbusch, não para si, que não lhe era mister, sabendo como sabia a lingua germanica, mas para que um sabio professor, que a não conhece, podesse estudar a obra do seu grande collega da Allemanha.

O sr. Rosenbusch, tendo tido occasião, na sua patria, de receber a visita do nosso engenheiro, tanto soube apreciar as suas grandes faculdades, tanto reconheceu a sua vasta capacidade que se lhe affeicou dedicadamente, e conservava com Schiappa a mais cordeal e intima amizade e correspondencia.

Em 1875 entrando no seu gabinete, (havia cerca de nove annos que nos não víamos) depois das primeiras palavras, vendo-o muito attento a um trabalho que estava redigindo, cercado de folhetos portuguezes, francezes, hespanhoes, inglezes e allemães, respondeu-me que estava escrevendo um relatorio sobre tonellagem e arqueação de navios. Olhando para mim e vendo uma certa surpresa no meu gesto, disse-me: «parece-me perceber que estás lá dizendo comigo, que tem a arqueação de navios com a Repartição de minas!» É verdade, lhe respondi eu, mas porque é que esse assumpto te pertence?

Então soube que havia sido nomeado em 9 de dezembro de 1873 pelo ministerio da Fazenda para a comissão da tonellagem dos navios e que tendo reconhecido a imperfeição dos regulamentos existentes a tal respeito no nosso paiz, examinara os estrangeiros e fôra pela comissão encarregado de elaborar o projecto do novo regulamento.

Havia-se mandado proceder aos estudos para a carta mineral do paiz, e em 24 de outubro de 1877 foi mandado a Elvas para examinar os trabalhos que ahi se estavam fazendo para esse effeito, comissão que desempenhou com a sua habitual proficiencia.

Antes d'isso, em 23 de maio do mesmo anno foi nomeado para desempenhar uma comissão scientifica fóra do reino, e então foi a Paris, á Allemanha e Inglaterra, tomando conhecimento pessoal com os homens mais eminentes nas sciencias, especialmente mineralogicas nos diversos paizes, e desempenhando o encargo que levava com muito zello.

Foi n'esta occasião encarregado tambem de adquirir alguns aparelhos e objectos scientificos para o Instituto Industrial, o que fez por um modo acima de todo o encomio.

Teve n'esta excursão scientifica de se dirigir ao celebre viajante da Abyssinia, o sabio Abbadie, a quem teve ensejo de apresentar um dos nossos exploradores da Africa, obtendo do celebre explorador francez para este um instrumento da maxima perfeição, feito sob as proprias indicações d'Abbadie.

Durante seis annos havia illustrado o Instituto Industrial não só com a sua sciencia, mas e principalmente com a organisação de um museu de geologia e prestado valiosissimos serviços áquelle estabelecimento, quando em 1879, findo o anno lectivo, o ministro Saraiva de Carvalho fez uma certa reforma no Instituto, que creava uma cadeira (8.ª), na qual era collocada a geologia applicada, suspendendo o vencimento a João Schiappa logo depois dos exames, quando começaram as ferias, e pondo a concurso a cadeira, que elle até ahi regera por uma maneira tão elevada.

(Continúa).

Brito Rebello.

O AMIGO VISCONDE

IV

Uns brasileiros gordos, que entravam arrastando os pés, compravam charutos e vinham fumal-os encostados ás hombreiras, escutando o que

se dizia. Dois jornalistas, ao fundo, magros, escanifrados, de grandes lunetas, com os cotovelos puidos e lustrosos, fallavam baixo, e despediam-se até á noite, na caixa dos theatros.

De vez em quando algumas carruagens, que desciam do Loreto, paravam ali, e uns deputados da provincia, de collarinhos muito abertos e decotados, calças pretas muito largas e apolainadas, saltavam pressurosos e diligentes, entrando com as longas abas das sobrecasacas novas abertas para os lados, como duas azas.

O visconde estava mudo e espantado do que via! No fim, voltando-se para o amigo:

— Vê tu que nação esta! Se é possível tomar-se a serio isto, com deputados d'este feitio!

E ao vel-os entrar uns após outros, alguns com umas figuras de collegiaes bisonhos, seguia-os com a vista constrictada, dizendo:

— Repara... Alguns com a barba por fazer, as gollas cheias de caspa, as botas elameadas. E com um gesto repulsivo — Nem para meus criados!

Alvaro oppoz circumspectamente:

— Mas alguns diz que são rapazes de talento.

O visconde fitou-o um instante com sobrançeria.

— Isso que importa?! Sim — insistia elle carncudo — que importa o talento, se são uns homens d'um aspecto tão ordinario, tão sujo, tão nacional!!...

Junto do passeio, á porta da ourivesaria do Leitão, estava parado um *coupé* da Companhia. Colladas ao varão de metal da *vitrine* duas raparigas hespanholas, vestidas de setim roxo, muito apertadas na cinta, mostravam um perfil miudinho, de narizes arrebitados, que surdiam debaixo das grandes abas dos chapéus á *Rubens* abatidas até ás orelhas. Uma d'ellas apontava extasiada uma *rivière* de brilhantes, que scintilavam como gotas de agua salpicadas sobre o velludo preto da caixa. A outra repetia as palavras da companheira. E, quando sentiram passos atraz, voltaram-se ambas; e uma d'ellas, sorrindo para o visconde, pediu-lhe:

— *Adiós, querido visconde. Me regalas com estes brilhantes?*

O visconde indignou-se! D'onde o conneciam aquellas duas mulheres?

— Ora ahi está — dizia elle ao amigo — ahi tens tu como uma pessoa fica comprometida! Hein?

E, no furor da sua indignação, abriu d'um repellão a porta de vidro da ourivesaria. Mas, apenas entrou, estacou no limiar, com os braços abertos, n'uma grande expansão de alegria.

— Ó Juca! Quando chegaste? Dá cá um abraço...

E cingia-o muito contra o peito, beijando-o nas faces e batendo-lhe palmadas no meio das costas!

— D'onde vens?

O Juca tinha chegado na vespera de Bordeus.

Era um rapaz brasileiro, jovial, um pandego, com um typo de crioulo, polido em quatro annos d'assistencia em Paris. Tinha olhos pretos e vivos; o cabello, que principiava a encanecer, caracollava-se ligeiramente debaixo das abas do chapéu alto de feltro branco. Vestia á ingleza: um frack muito justo e curto que lhe avolumava a pança, e umas calças claras colladas ás coxas.

Depois de lhe ser apresentado, Alvaro perguntou-lhe se vinha de Paris.

— Sim, senhor, de Parize — affirmou elle, arrastando o z, com todo o sutaque da naturalidade.

O visconde perguntou-lhe então o que vinha elle fazer a Portugal? Se se demorava? Ia de certo para o Brazil?

— Não, não.

Juca vinha com a sua Kate.

— A Kate está cá? — gritou o visconde todo alegre.

— Sim — disse Juca, com um tom de voz melancolico — Principiou em Parize á golfar sangue pela bocca; e então os medicos lá mi recommendaram que viesse á Lissbôa, ou qui fosse até á Madêra.

— Sim?! Pobre Kate! — lamentava o visconde com um ar de dó.

Mas o Juca socegou-o logo, dizendo que ella não estava tão mal, como isso! Não; era até mais um pretexto para vir estar algum tempo a Portugal, do que outra coisa.

O ouriveis, debruçado sobre o mostrador, no qual tinha espalhado varias caixas com objectos d'ouro, aneis, pulseiras, medalhas, etc., etc. esperava, pacientemente, torcendo a guia do bigode loiro.

O Juca reparou n'elle; e pediu então ao visconde:

— Tu é que me vaes escolher uma prenda para a Kate.

— Eu! — disse o visconde, apontando modestamente o proprio peito.

— Sim, tu, que és rapaze de gosto.

E, a proposito, segurando-lhe a gola do casaco, perguntou-lhe confidencialmente quem tinha agora.

— Ninguém — respondeu logo o visconde — Quer dizer, tenho uma bailarina.

A hilaridade explosiva do Juca!

— Então...

E, com os braços no ar, erguendo com esforço a perna direita, fncado na perna esquerda, descreveu com o bico da bota duas voltas rapidas no espaço!... — Soberbo! soberbo!

Principiaram então a escolher.

O visconde optava por uma pulseira de oiro com uma perola preta, o Juca preferia talvez uma medalha oblonga, que tinha um brilhante isolado n'uma onyx; Alvaro gostava de um bracelete de oiro fosco, em fórma de serpente, com olhos de rubis.

Mas o Juca, enquanto se não decidia, esperando que o dono da loja lhe mostrasse mais coisas, afastava-se do mostrador, e voltado para o visconde:

— Te lembras das manhãs deliciosas que passamos na rua da Madeleine? Te lembras?

O visconde recordando-se com saudade, lembrava-se perfeitamente.

— Tu a jogares o florete com o Pierre; lembraste?

De repente, recuando para o fundo da loja, Juca erguia o braço, a perna direita dobrada á frente, perna esquerda estendida para traz, e gritava, apontando o ferrão da bengala ao peito do visconde:

— *En garde, mon bon!*

E sahia logo d'essa posição d'espada-chim, rindo muito, olhando de soslaio para o ourives, e batendo no hombro do visconde:

— Bello tempo, hein, Luiz?

Final escolheram uma pulseira com torquezas e brilhantes. Todos concordaram que era a mais bonita. E o ourives, levantando-a cuidadosamente na ponta dos dedos, mostrava-a, dizendo com voz discreta e macia:

— É de muito gosto! muito gosto!

Depois que o Juca sahio, Alvaro que tinha ficado com o visconde, perguntou-lhe:

— Quem é este Juca?

O visconde respondeu, arrastando a phrase: — Este Juca, menino, é um brasileiro com quem vivi muito em Paris o anno passado.

E terminou a informação d'um modo cathorico, deffinindo-a assim:

— Em quatro annos, que por lá andou, gastou perto de quinhentos mil francos ao pae! Não sei mais nada!

O visconde referia sempre as quantias em moeda franceza: era mais fino — pensava elle.

Alvaro pediu em seguida para vêr a pulseira de que Valentina se agradára na vespera.

— Já a tinha posto de parte — disse o ourives, retirando d'uma gaveta uma caixa de velludo azul. Entre as rugas de setim preto do fôrro o oiro tinha maior realce.

A pulseira, que era simples, de um aro partido, largo, massivo e fosco, tinha em cada extremidade uma bolla azul de lapis-lazuli.

— Bonita, realmente — concordou o visconde.

— Só nos vieram duas — dizia o ourives, animado pela opinião do visconde — uma é esta, a outra comprou-a Sua Magestade a Rainha.

E referia este facto solemne do mesmo modo porque, em outras vezes, passava uma pelle de camurça sobre os objectos — para lhes realçar o valor!

Alvaro comprou-a; e, ao perguntar o preço, o ourives, adoçando qualquer impressão desfavoravel ao seu negocio, repetiu alto:

— Sua Magestade gostou immenso!

E, n'um tom de voz mais baixo e natural entregando a caixa: — São trinta e oito libras!

E ficou de pé, esperando todo attencioso, risôhno, passando lentamente a palma da mão direita nos dedos da mão esquerda!

Visto que os dois amigos tinham comprado cada um a sua prenda, o visconde, um pouco forçado, resolveu-se tambem a levar alguma coisa. Mas que havia de ser? Ah! Quiz a serpente com olhos de rubis, que Alvaro preferia para o Juca.

Ao sahirem da loja, o visconde fez signal com a bengala a uma carruagem que passava no largo das Duas Igrejas, vasia e a passo. O cocheiro apanhou as redeas, e fustigou os cavallos, dirigindo logo a tipoia para o passeio.

— Para onde, sr. visconde?

Alvaro entrou primeiro; e o visconde com o pé no estribo, ordenou:

— Patriarchal, numero...

— Já sei! — accudiu o cocheiro de cima — Já sei.

E partiu pela rua larga de S. Roque, descarregando chicotadas successivas nas ancas ossudas dos cavallos, que subiam a passo, com esforço, de pescoços estendidos, esbofando derreidos com pulmoeira.

(Continúa.)

Alberto Braga.

EPHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1826. — Fevereiro 11. — Morre no predio n.º 23 da travessa de S. Francisco de Paula (hoje travessa da Palmeira) o doutissimo escriptor Pedro José de Figueiredo.

1696. — 12. — Inauguração em casa do conde de Ériceira, D. Francisco Xavier de Menezes, da Academia *Conferencias Discretas*.

1868. — 13. — São dispensados das funções de jurados os professores de instrucção primaria e secundaria que estiverem em activo serviço.

1734. — 14. — Morre o erudito padre Rafael Bluteau, auctor do *Vocabulario portuguez e latino*, a melhor obra que temos n'este genero.

Nasceu em Londres em 4 de dezembro de 1638, mas viveu desde a idade de quinze annos em Portugal.

1856. — 14. — Morre na ilha da Madeira o notavel pintor Francisco Augusto Metrass, nascido em 7 de fevereiro de 1825.

1834. — 15. — Decreta-se a annexação do *Instituto dos surdos-mudos* á Casa Pia. Havia sido fundado em 1823, no sitio da Luz, junto ao Collegio Militar por Pedro Aaron Borg, director do instituto dos surdos-mudos, e cegos de Stockolmo, que havia sido mandado vir a Portugal, por convite do rei D. João vi, para aquelle fim.

Tinha então o instituto 20 alumnos e era seu director o dr. Ramangé. Innocencio diz equivocadamente no tomo iv pag. 299 do seu dictionario, ter sido este facto em 25 de fevereiro d'esse anno. O decreto foi de 15 do dito mez, e a inauguração definitiva teve lugar em o 1.º de março seguinte.

1837. — 16. — Debute em S. Carlos da primeira dama contralto M.^{ms} Isabel Fabbria, com a opera de Vaccai *Zadig e Astartea*.

1563. — 17. — Morre D. Leonor de Noronha, filha do marquez de Villa Real e escriptora de distincto merecimento. Tinha 75 annos de idade.

1792. — 18. — José Agostinho de Macedo é expulso do convento dos Agostinhos da Graça, em Lisboa, depois de lhe terem despido o habito e dado *uma boa ensinadela*, pelo seu mau comportamento e costumes desregrados. O sr. Pinheiro Chagas diz, no seu livro *Portuguezes Ilustres*, a pagina 155, que esta expulsão do convento, foi em 11.

1859. — 19. — O conselheiro José Maria de Casal Ribeiro (hoje conde de Casal Ribeiro) funda a Escola denominada *Casal Ribeiro*, situada ao Beato.

Foi com o donativo de dez contos de réis em inscrições de 3 p. c. e com o intuito de perpetuar a memoria de sua mãe, D. Maria Henriqueta de Casal Ribeiro, protectora da associação promotora da educação popular, da qual foi presidente o poeta Antonio Feliciano de Castilho.

A escola abriu-se no dia 23 de janeiro do seguinte anno.

1869. — 20. — Primeira recita dada no theatro

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
Quem não deve não teme.

de S. Carlos, pela companhia italiana dirigida pelo celebre tragico Ernesto Rossi, com o drama *Othelo*.

A ultima foi em 20 de março do referido anno com o drama portuguez *Frei Luiz de Sousa*, de Almeida Garrett.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

REVISTA SCIENTIFICA, redacção Ricardo Jorge, Miguel Arthur, e Candido de Pinho. — Primeiro anno n.º 10, outubro 1882, concluem n'este fas-

Sousa, o *traumatismo e a thermogenese* pelo sr. Moraes Caldas. O sr. Adolpho Coelho que durante annos tem colligido largos subsidios relativos ás tradições e ethnologia portugueza, de que deu alguns estudos comparativos na sua revista *d'ethnologia e de glottologia*, infelizmente suspensa ha tempos, vendo publicado o livro do sr. Leite de Vasconcellos *Tradições populares de Portugal*, julgou conveniente, prescindindo de trabalho mais completo, fazer algumas addições aos capitulos do livro do sr. Leite de Vasconcellos, o que fez n'um artigo sob o titulo *As superstições portuguezas*, que devem ter presente os que se dedicam a estes estudos. Concluem-se os *trabalhos folkloricos* do mesmo sr. Leite e

vatorio meteorologico de Loanda pelo sr. Guilherme Gomes Coelho; *A ilha de S. Nicolau*, comunicação feita á *Sociedade de geographia de Lisboa* pelo sr. Conego Joaquim da Silva Caetano, e a continuação dos apontamento sobre as *colonias portuguezas em paizes estrangeiros* — incluindo as relativas á Belgica. Segue-se o extracto das actas d'aquella importante sociedade.

AS COLONIAS PORTUGUEZAS, *Revista Illustrada* n.º 1 e 2, Lisboa. Com o principio do anno appareceu este periodico mensal que se dedica aos interesses das colonias portuguezas. É tão importante este assumpto que dispensa qualquer recommendação especial, d'esde que os interesses



BRAZIL — FAZENDA DE SANTO ANTONIO DO RIO NEGRO, EM CANTAGALLO (Segundo um desenho de Lopes Mendes) — Vid. artigo Cartas de Lopes Mendes, etc.

ciculo os artigos. *O bimetallismo* do sr. Rodrigues de Freitas, *o microscopio e as suas revelações* do sr. A. Placido; enceta-se uma serie de trabalhos criticos do sr. Leite de Vasconcellos, sob o titulo de *trabalhos folkloricos*; traz um artigo do sr. Magalhães e Lemos sobre *a região psychométriz no recém-nascido*, e conclue o fasciculo com outro *à memoria de Miguel Arthur*, pelo sr. Ricardo Jorge. Miguel Arthur da Costa Santos, um dos redactores e fundadores d'esta revista, fallecera no dia 24 d'aquelle mez, e o seu collega e amigo presta-lhe a devida homenagem em phrases sentidas. — O n.º 11 correspondente a novembro do mesmo anno, contem *as combinações e decomposições chímicas consideradas sob o ponto de vista thermico* pelo sr. Agostinho de

Vasconcellos. Encerra ainda um artigo de polemica scientifica com relação ao methodo do sr. Agostinho de Sousa para a transformação das formulas chímicas, pelo sr. Alvaro de Meirelles, seguido de uma carta do mesmo sr. A. de Sousa sobre o assumpto.

BO' ETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA. 3.ª serie — n.º 5 — *Lisboa Imprensa nacional*, 1882. Encerra este numero varios artigos muito interessantes com relação á *Africa oriental portugueza*, interior da provincia de Moçambique pelo sr. H. O'Neill (conclusão); a conclusão do artigo: *O Deus endovelico dos celtas (sic) do Alemtejo*, pelo padre J. J. da Rocha Espanca; as observações de 1879 a 1881 feitas no obser-

das colonias são tambem os de Portugal. É tempo e mais que tempo de attentarmos seriamente nas nossas terras de alem mar, e por isso devem encontrar o maior apoio todos aquelles que, com as suas luzes e com o seu trabalho, venham promover e auxiliar o desenvolvimento das nossas colonias, para que outros se não aproveitem do que ha tantos seculos anda por nós desprezado.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

BIBLIOTHECA PORTUGUEZA DO «OCCIDENTE»

A COMEDIA BURGUEZA

I

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por LEITE BASTOS

COM UMA INTRODUÇÃO POR GERVASIO LOBATO

ILLUSTRADO COM 27 ESTAMPAS

Desenhos de MANUEL DE MACEDO — Gravuras de ALBERTO

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 pag. em magnifico papel assetinado com uma elegante capa de côr illustrada, brochura á ingleza.

Preço 600 réis

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, em todas as livrarias, e em casa dos srs. correspondentes d'esta empresa. — Para a provincia envia-se franco de porte a quem remetter 600 réis em estampilhas ou valles do correio.

CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empresa do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou valles do correio.

Tambem se fazem encadernações com estas capas por 1\$200 réis.